

# **O IKPENG EM CONTATO COM O PORTUGUÊS: EMPRÉSTIMO LEXICAL E ADAPTAÇÃO LINGÜÍSTICA**

Frantomé PACHECO (USP/FAPESP)<sup>1</sup>

## **1. Introdução**

O trabalho tem por objetivo apresentar algumas questões sobre o contato entre o Ikpeng e o português a partir da perspectiva da Linguística Antropológica, enfatizando os seguintes aspectos: a) o histórico do contato entre o Ikpeng e o português, bem como o estatuto do Ikpeng e do português na comunidade Ikpeng contemporânea; e b) quais partes da estrutura lingüística do Ikpeng foram influenciadas pelo português. Com isso, procuraremos mostrar como a língua tradicional do grupo é importante para a identidade étnica de seus falantes e um importante instrumento de manutenção das tradições da comunidade em situações que envolvem seu contato com a língua oficial do país.

Na seção 1, apresentam-se algumas observações teórico-metodológicas, tendo em vista definir os termos empregados na descrição do empréstimo lexical, além de apresentar um quadro da situação de bilingüismo entre os Ikpeng; na seção 2, apresentam-se os processos de empréstimo lexical, argumentando-se em favor de uma análise que considere não apenas os aspectos formais, mas também conceituais relacionados ao empréstimo lingüístico; na seção 3, discute-se brevemente a tensão entre ampliação lexical e manutenção da língua tradicional, apontando para uma abordagem do empréstimo que considere aspectos sócio-cognitivos relacionados às atitudes do falante em relação à sua língua e à interferência causada pelo contato com a cultura dos não-índios e suas instituições. Nessa última parte do trabalho serão apontadas, assim, algumas questões que precisarão de um maior aprofundamento em futuros trabalhos sobre o tema.

## **2. Observações teórico-metodológicas**

O objetivo desta seção é: a) tentar oferecer um quadro da situação de bilingüismo entre os falantes Ikpeng, partindo de nossa própria observação e das observações realizadas pelos professores da aldeia; b) mostrar o que estamos considerando empréstimo lexical; e c) qual a visão de léxico aqui adotada. Atente-se para o fato de que qualquer tentativa de definição da situação bilíngüe vivenciada na comunidade Ikpeng são apenas aproximações, pois não dispomos, ainda, de uma pesquisa que tenha avaliado, entre outras coisas, qual o grau de interferência do português na língua tradicional do grupo não apenas lexicalmente, mas gramaticalmente (sem contar o levantamento das situações de uso e das atitudes dos falantes diante de sua própria língua e do português).

### **2.1. Línguas em contato e bilingüismo: o caso da comunidade Ikpeng**

O grupo Ikpeng foi contactado no dia 19 de outubro de 1964, após Orlando e Cláudio Villas-Boas terem localizado a sua aldeia durante um vôo sobre o Ronuro. A aldeia se encontrava a uma distância estimada de 100km de distância do Posto Leonardo (por via fluvial, três a cinco dias de viagem) e compreendia uma maloca semelhante ao tipo alto-xinguano, duas ranchadas de trabalho e uma pequena estrutura inacabada (Galvão e Simões, 1965: 6).

Após o contato, os Ikpeng foram transferidos para dentro do Parque Xingu em 1967, permanecendo nos arredores do Posto Indígena Leonardo, próximo aos seus antigos inimigos. Segundo Menget (1977: 1), o número de Ikpeng que desembarcaram no Leonardo era de 56 pessoas. Em 1972, o número de Ikpeng era de 62 pessoas, sendo 37 homens e 25 mulheres (Menget, 1977: 110). Atualmente, os Ikpeng residem nas proximidades do Posto Pavuru, que foi criado para atender a eles e demais comunidades médio-xinguanas, e são aproximadamente trezentas e cinquenta pessoas, incluindo algumas pertencentes a outras etnias (como kayabi, trumai, kamaiurá, suja e waurá).

Segundo o que observamos e segundo informações obtidas com os professores da aldeia, o bilingüismo está relacionado, principalmente, a dois fatores: sexo e idade. Assim, a maioria dos mais velhos (de mais de 50 anos) entendem, mas falam pouco o português; os adultos (entre 30 e 50 anos) entendem e falam razoavelmente o português; os jovens (entre 20 e 30), entendem e falam bem o português, apesar do acento; os adolescentes (entre 12 e 20) entendem e falam bem o português, com acento muito fraco; as crianças (tanto meninos como meninas) entendem e falam o português muito bem, quase sem acento após (mais ou menos) os quatro anos. As mulheres adultas (acima de 30), apesar de compreenderem bem o português, não o usam na interação com os brancos. Abaixo dessa idade, as mulheres compreendem e se expressam muito bem em português, mas evitam falar a língua com os não-índios.

O uso do português está associado: i) à interação no posto de saúde, na sede do Pavuru; ii) à comunicação via rádio; iii) ao contexto escolar; iv) aos cursos ministrados pelas ONGs e pela UNIFESP; v) à interação com visitantes e funcionários do governo que se hospedam na sede do Posto; e vi) à interação com os moradores da cidade, especialmente em Canarana, constantemente visitada pelos homens da aldeia para fazer comércio e resolver problemas bancários, entre outros.

Note-se que esse quadro é preliminar, necessitando de uma pesquisa mais aprofundada. Mas pareceu-nos claro que a situação não é homogênea e que a comunidade não pode ser considerada bilíngüe como um todo.

## 2.2. Empréstimo

Por empréstimo, estamos entendendo o processo pelo qual uma língua incorpora ao seu inventário léxico ou gramatical formas e padrões empregados em outra língua com a qual mantém algum tipo de contato. As línguas receptoras são geralmente línguas etnicamente minoritárias ou faladas por países econômica e politicamente dependentes. Está relacionado ao prestígio social alcançado pela língua fonte e afeta a língua receptora de maneira não-uniforme e seus falantes de maneira não homogênea, ou seja, nem todos são agentes responsáveis pelo processo, que pode se dar naturalmente ou por decisão política de alguns de seus membros (cf. Campbell, 1999).

A partir das reflexões realizadas sobre o fenômeno aqui discutido (cf. bibliografia no final deste texto), estabelecemos algumas diferenças entre:

- a) *empréstimo lexical* e outros tipos de empréstimo como o *fonológico*, envolvendo sons; o *gramatical*, envolvendo categorias gramaticais, mudança na ordem de palavras etc; e o *pragmático*, envolvendo padrões de uso e estilo;
- b) *palavras nativas*, aquelas pertencentes à língua tradicional, e *palavras emprestadas*, aquelas advindas a partir do contato;
- c) *empréstimo lingüístico*, que se caracteriza por se tomarem partes de uma língua e se incorporarem em outra, sem alterar o sistema como um todo, *alternância de código*, que seria o processo em que um sistema é empregado concomitantemente com outro, cada um mantendo sua autonomia, e *interferência lingüística*, que se caracteriza por se

mesclar uma língua com a outra, ocasionando um sistema diferente dos que o originaram.

Quanto aos fatores que ocasionam a situação de empréstimo entre duas línguas em contato, destacam-se: a) *necessidade comunicativa*: falar outra língua e conhecer seu léxico facilita o intercâmbio de informações e relações comerciais; b) *prestígio*: saber palavras de outra língua, falada por pessoas consideradas política e economicamente superiores, contribui para o fortalecimento de grupos (instituições), que podem se beneficiar politicamente desse conhecimento (Campbell, 1999).

### 2.3. *Léxico*: natureza funcional e relação com outros aspectos da linguagem

Segundo Givón (2001: 7), o sistema de representação cognitiva humana compreende três níveis interconectados:

i) *o léxico conceptual*: que é o repositório dos conceitos temporalmente estáveis, socialmente compartilhados e bem-codificados (isto é, cada bloco de informação é associado ao seu próprio código perceptual, fono-gestural) que, tomados juntos, constituem-se no mapa cognitivo de nosso universo experiencial, englobando: a) o universo físico externo; b) o universo sócio-cultural; c) o universo mental interno. O léxico conceptual corresponde, em termos psicolinguísticos, à *memória semântica permanente* (cf. Givón, p. 8). As categorias linguísticas que se relacionam aos conceitos são as *palavras de conteúdo/lexicais*.

ii) *informação proposicional*: são as informações sobre os estados e eventos nos quais as entidades tomam parte. Dentro da informação proposicional, que são codificadas como orações, combinam-se os conceitos (*palavras lexicais*).

iii) *discurso multi-proposicional*: é o resultado da combinação de orações, que codificam estados e eventos, formando um discurso coerente. Note-se que o discurso humano é predominantemente multi-proposicional e que sua coerência transcende os limites das orações que o constituem (envolvendo os diversos tipos de contexto, aqui não discutidos). Tanto o discurso multi-proposicional como a informação proposicional são estocadas e processadas como *memória episódico-declarativa* (cf. Givón, p. 8).

É necessário acrescentar que o ideal é empregar para o repositório de formas (lexemas e/ou morfemas) de uma língua o termo *vocabulário*, uma vez que *léxico* pode causar uma certa confusão por conta do emprego desse termo como referente ao módulo da linguagem onde se encontram os lexemas ou palavras não flexionadas. Da mesma forma, o termo *palavra* é ambíguo, por englobar tanto formas básicas (sem flexão) como formas realizadas no discurso (com suas referidas flexões e posições em relação a outras palavras). Para evitar equívocos, empregaremos o termo *palavra* para designar o que a literatura sobre o tema tem chamado de *palavra morfossintática*, que são as formas flexionadas e discursivamente realizadas. Quando falarmos da palavra abstrata (independente de sua realização no discurso), empregaremos o termo *lexema* ou *palavra lexical*.

Segundo Lyons (1995), apresentamos alguns critérios linguísticos para a definição e delimitação das palavras de uma língua:

a) há palavras com significado lexical (geralmente, classes abertas como nome, verbo, adjetivo e advérbio) e outras com significado gramatical (geralmente, classes fechadas como pronomes, pre/posposições e conjunções); há, ainda, aquelas cuja função é contribuir para o significado das unidades maiores – sintagmas complexos, orações e sentenças (esse é o caso das partículas modificadoras e discursivas). Seguindo Givón (2001: 44), podemos chamar as do primeiro tipo de *palavras lexicais* (ou *de conteúdo*), e as do segundo de *palavras não-lexicais* (ou *funcionais*);

b) as palavras podem ser derivadas de outras palavras mais básicas (critério derivacional), além de poderem ser agrupadas em paradigmas flexionais (critério flexional);

c) as palavras podem ser definidas a partir da sua forma (estrutura morfofonológica) ou a partir do que semântica e gramaticalmente expressam (funções semânticas e gramaticais).

Não se pode deixar de mencionar que as palavras de uma língua apresentam propriedades relacionadas ao uso discursivo-interacional, que determina o emprego delas a partir dos efeitos que se deseja causar nos interlocutores. Isso é importante na determinação dos fatores que influenciam o empréstimo, pois o emprego de palavras emprestadas pode ser determinado pelo efeito discursivo que se quer obter, e o seu não-emprego relacionado à valorização da língua tradicional em grupos que empregam uma língua politicamente dominante.

Como estamos falando de empréstimo lexical, podemos também empregar como critério na classificação das palavras aquelas que são nativas, pertencentes à língua tradicional, e as emprestadas de outras línguas, ou seja, aquelas incorporadas via contato lingüístico.

Segundo Allan (2001), propomos que um elemento que ocorre listado no léxico (mental) será chamado *listema*, que engloba:

a) todas as raízes lexicais e lexemas não derivados, incluindo-se os radicais (dependendo da língua e da análise morfológica proposta);

b) todos os afixos derivacionais e flexionais;

c) os compostos e as expressões idiomáticas.

Dessa forma, podemos dizer que o empréstimo lexical não envolve apenas palavras isoladas, mas grupos delas (expressões), consideradas pelos falantes como uma unidade referencial.

Partindo desses pressupostos, formularemos nossas considerações sobre o empréstimo em Ikpeng e uma proposta de descrição para esse fenômeno dentro de uma perspectiva cognitivo-funcional (cf. sobre essa perspectiva de análise Croft, 1991; Croft & Cruse, 2004; Givón, 2001; Bybee, 1999; Schreuder & Weltens, 1993, entre outros).

### **3. Incorporação de palavras e de conceitos do português ao Ikpeng: empréstimo, criação lexical e adaptação lingüística<sup>2</sup>**

Dado o contato entre os Ikpeng e outros falantes do português (incluem-se aqui os demais indígenas falantes do português), várias palavras e conceitos novos passaram a fazer parte do inventário lexical e semântico Ikpeng. Incluímos aqui o termo "conceito", pois consideramos ser o empréstimo lexical mais do que a incorporação de formas lingüísticas não pertencentes originalmente à língua tradicional da comunidade. Na verdade, a palavra emprestada (sua forma morfofonológica básica) é a escolhida para designar uma entidade (física ou não), uma relação ou mesmo um evento/estado não comum ao uso tradicional, ou seja, conceitos decorrentes de novas situações geradas pelo contato entre duas (ou mais) culturas. O elemento estrangeiro incorporado à língua, portanto, não apenas passa a fazer parte do vocabulário (inventário de morfemas/lexemas ou palavras) da língua, mas passa a fazer parte do conhecimento enciclopédico, que inclui não apenas informações estruturais sobre os listemas, mas informações sobre o uso, relações de significação e valor cultural (sobre essas noções, cf. Allan, 2001).

A partir disso, são apresentados os casos em que palavras e conceitos do português foram incorporados ao sistema semântico-conceitual (ou vocabulário) da língua Ikpeng, assim classificados:

- i) empréstimo lexical, situação na qual um item do português é incorporado ao léxico Ikpeng, sofrendo adaptação fonológica e/ou morfológica (cf. (1));
- ii) reconceitualização ou extensão referencial: situação na qual um item já existente passa a se referir a novas entidades e situações conhecidas a partir do contato (cf. (2));
- iii) criação lexical, situação na qual um novo item lexical é criado para representar um conceito novo para a língua/cultura (cf. (3)).

I) Empréstimo lexical: há casos em que o lexema é adaptado fonológica e morfológicamente, conforme se pode ver nos nomes de (1a) a (1d). Quando o item entra como lexema não-possuído (ou como posse genérica), ele sofre apenas adaptação fonológica, conforme se pode ver em (1e) e (1f). Dependendo da estrutura silábica, ele pode sofrer adaptação na distribuição dos segmentos na sílaba, como ocorre em (1g). Mas, mesmo violando as regras de silabificação da língua, admitem-se itens como (1h) (sobre esse último aspecto, cf. Campbell, 1999)<sup>3</sup>.

|     |                              |   |  |
|-----|------------------------------|---|--|
| (1) | <u>palavras do português</u> | ⇒ | <u>reinterpretação morfológica e fonológica</u>                              |
| a)  | meu chinelo                  | ⇒ | <i>i-txinelu-n</i> <sup>4</sup><br>1-chinelo-Pos                             |
| b)  | minha caneta                 | ⇒ | <i>i-kaneta-n</i><br>1-caneta-Pos  |
| c)  | meu amigo                    | ⇒ | <i>g-amigu-n</i> <sup>5</sup><br>1-amigo-Pos                                 |
| d)  | você está doido              | ⇒ | <i>o-doidu-n-ke</i><br>2-doido-Pos-Adz                                       |
| e)  | motor                        | ⇒ | <i>moto</i> [mɔ'tɔ]  |
| f)  | banana                       | ⇒ | <i>panana</i> [pana'na]  |
| g)  | posto (da Funai)             | ⇒ | <i>poktxo</i> (sendo possível também <i>poxta</i> [poʃtɔ])                   |
| h)  | biscoito                     | ⇒ | <i>pixkoyto</i> [piʃkoy'tɔ]  |
| i)  | café                         | ⇒ | <i>kape</i> [ka'pe]<br>(há tb. <i>kirĩtpo</i> = café, originalmente 'preto') |

Foram emprestadas expressões e palavras referentes a marcação de períodos de tempo, como *novembro*, *terça*, *oito horas*, mas elas são sintaticamente adaptadas à língua e convivem com expressões tradicionais:

|     |                   |                  |                               |
|-----|-------------------|------------------|-------------------------------|
| (2) | a. agosto wok     | a'. ireruptaktxi | 'em agosto'                   |
|     | b. oito horas man | b'. tutu man     | 'são oito horas' <sup>6</sup> |

c. terça wok/terça man

'na terça'

Com relação aos nomes próprios, há vários casos de nomes de jogadores de futebol empregados como "apelidos" pelos homens da aldeia. Alguns exemplos são: *Tafarel, Nakata, Mazinho, Túlio, Clóvis*, entre outros.

II) Reconceituação ou extensão referencial: os casos apresentados abaixo ilustram um padrão bastante produtivo na língua. Empregam-se palavras já existentes e estende-se seu uso, passando a se referirem a novas entidades e situações:

(3) *Item Ikpeng* ⇐ *conceito advindo do contato*

a) *moropo* ⇐ MALETA  
'bolsa de fibra'

b) *tenkeni* ⇐ GARRAFA  
'recipiente'

c) *i-mre-n* ⇐ BONECA ('meu boneco')  
1-filho-Pos  
'meu filho'

d) *i-mangku* ⇐ MEU BRINQUEDO (usado para gravadores, dentre outros)  
1-brinquedo  
'meu brinquedo'

e) *aptim* ⇐ FOLHA DE PAPEL; DINHEIRO  
folha

f) *engru* ⇐ ÓCULOS  
'olho'

g) *nuno*<sup>7</sup> ⇐ PRATO  
'lua'

h) *wayo*<sup>8</sup> ⇐ COPO  
'cuia'

i) *tami* ⇐ CIGARRO  
fumo/tabaco

j) *etxi-li* ⇐ COMPRAR  
3:tirar-Rec  
'Ele retirou algo' = 'Ele comprou algo'

Note-se que há um caso em que uma palavra é empregada por ser seu referente similar ao referente da palavra da língua: *amero* 'tracajá', que também se refere a 'enxada'. Isso ocorreu, certamente, por ser o casco do tracajá empregado para coisas que a enxada faz atualmente, como remover terra, ou por serem semelhantes na forma.

III) Criação lexical: esse processo parece ter sido bastante produtivo na língua no momento em que os Ikpeng estavam estabelecendo os primeiros contatos com a cultura

dos não-índios. Ele se caracteriza pela criação de uma palavra ou expressão a partir de elementos lexicais já existentes. Esses elementos criados descrevem um conceito não pertencente à cultura do grupo. Atualmente, é um processo pouco utilizado na designação de entidades novas, como se pode observar nos casos da incorporação do conceito de "distrito" (que se refere ao distrito de saúde da FUNASA), de nomes de equipamentos de informática, como *computador*, emprestados diretamente do português, e de termos relacionados à saúde. Assim, não são mais criados termos novos via morfologia derivacional e/ou composicional, como se fazia antes, quando o grupo não era bilíngüe:

(4) palavras do português ⇒ criação lexical

- |    |                  |   |  |
|----|------------------|---|--|
| a) | datilógrafo      | ⇒ | <i>empa-ta-t keni</i><br>desenhar-Mov-NPAs aquele<br>'aquele que escreve/datilografa/desenha'  |
| b) | oftalmologista   | ⇒ | <i>w-eng-ru enenget keni</i><br>2-olho-Pos ver aquele<br>'aquele que vê/examina o olho'  |
| c) | enfermeiro       | ⇒ | <i>gwakpit-keni</i><br>faz tomar-aquele<br>'aquele que nos faz tomar (remédio)'<br><br><i>pugwerem</i><br>'dono do remédio' (responsável pelo remédio) |
| d) | texto/carta      | ⇒ | <i>nenpa-tu</i><br>desenhar-Nomz<br>'o que foi desenhado'  |
| e) | caneta           | ⇒ | <i>txiliktxilik keni</i> (cf. <i>i-kaneta-n</i> 'minha caneta')<br>Onom aquilo<br>'aquilo que faz barulho de riscar (ou zigue-zaguear)'                |
| f) | cortador de unha | ⇒ | <i>w-amo-ko-towo</i><br>2-unha-Inst-Nomz<br>'aquilo que corta unha'  |
| g) | lanterna         | ⇒ | <i>g-enem-po-ri</i><br>1-ver-Caus-Pos (lit.: o que me faz ver)   |
| h) | calção           | ⇒ | <i>moro-eat-po</i><br>pênis-?guardar-NZLoc (lit.: 'guardador do pênis')  |
| i) | calças           | ⇒ | <i>pĩtxingo ewri</i> <sup>9</sup><br>pernas casa (lit.: 'casa das pernas')   |
| j) | cozinha          | ⇒ | <i>arimtonget-pot</i><br>cozinhar-NZLoc ('local onde se cozinha')  |
| l) | arroz            | ⇒ | <i>anat-engri</i>  |

milho-?

Como se pode observar nos exemplos acima, temos vários processos relacionados ao empréstimo léxico-conceitual, alguns envolvendo a incorporação do item do português, adaptando-o à fonologia e à morfologia da língua, e, em outros casos, envolvendo ampliação no uso de palavras já existentes na língua e mesmo criação lexical (formação de novos itens).

### 3.1. Palavras emprestadas mais antigas

Há termos em Ikpeng que lembram palavras do português, mas parecem ser antigas, pois são usadas inclusive pelos falantes mais velhos, que vieram para o parque já adultos. Quanto ao caso em (5a), sabemos que há uma outra palavra para esposa, como na expressão *tupi wīt* 'esposa/mulher de branco', sendo pouco usada atualmente. Com relação a (5b), há uma palavra antiga (*paru*) que se referia à água, ao rio, ainda empregada em arara e outras línguas Karíb, que é conhecida pelos mais velhos. Provavelmente, a palavra *ga* é uma forma reduzida de *água*. Em (5d), há um caso em que uma palavra identifica um grupo de pessoas, que é visto como diferente de outros índios, o tupi, designativo da língua e das pessoas que largamente a falaram até início do século XX (e é ainda falado no Alto Rio Negro e conhecida entre os Mawé). O caso em (5d) parece ser mera coincidência, sendo necessária maior investigação para determinar sua origem:

- |     |                        |                  |   |
|-----|------------------------|------------------|---|
| (5) | a. ĩ-muye<br>1- mulher | 'minha mulher'   | (lembra [muje], no português popular)                                   |
|     | b. ga                  | 'água'           | (lembra água, modificada foneticamente:<br>aga > ga)                    |
|     | c. tupi                | 'branco'         | (a palavra 'tupi' identificava as pessoas<br>que usaram a língua geral) |
|     | d. aprep-ĩ             | 'Ele abriu algo' | (lembra "abrir",<br>mas talvez seja apenas coincidência)                |

Não foi realizado um levantamento para examinarmos se há outros casos similares aos acima apresentados.

### 4. Ampliação lexical e manutenção da língua tradicional: considerações sobre as funções dos empréstimos e as restrições de uso

Os principais fatores relacionados às restrições no uso de palavras não nativas e à manutenção da língua tradicional Ikpeng, diante do massivo contato de seus falantes com o português e seus falantes, indígenas ou não, são:

- a) criação de termos técnicos para uso no posto de saúde, na sala de aula, na designação de novos produtos (modernização lexical);
- b) escrever informações em Ikpeng sem uso de palavras do português (função para a língua tradicional escrita);



- c) as palavras em português usadas na conversação se restringem a termos, geralmente, sem tradução na língua (minimização da interferência lingüística);
- d) elaboração de dicionários bilíngües Ikpeng-português (dicionarização/gramatização: instrumentos identitários e de valorização da língua do grupo);
- e) prevenção do uso de palavras do português nos textos produzidos na escola (preservação da língua tradicional nos textos).

Dos aspectos acima, discutimos brevemente apenas (e), que se relaciona ao registro escrito do Ikpeng e às atitudes dos falantes diante da recente normatização da língua, ocasionada pelo processo de escolarização iniciado no início da década dos noventa. O texto abaixo, produzido por um falante da língua<sup>10</sup>, ilustra como o Ikpeng procede no momento em que trata da cultura do branco. Note-se que os itens lexicais grifados são palavras em Ikpeng que possuem um correlato emprestado do português, mas que não são empregados quando os Ikpeng escrevem em sua língua. Observe-se, também, que o falante se indaga sobre os motivos que levam o grupo a gostar dos artefatos tecnológicos trazidos pelo contato com os não-índios e sua cultura, o que demonstra uma preocupação com as tradições do grupo e sua manutenção:

- (6) *Erangron tupi wĩnpe nole*  
antigamente branco Neg-Exist ainda

*tximna otxiketkelĩ pĩrom, topkak, opo ge,*  
nós-exc caçar-Iter-Rec flexa arco borduna com

*imenelogon tupi enenponpĩn pok*  
hoje branco ver-PN em

*tximna man otxiketkenang man emelu ge.*  
nós-exc Part 3-caçar-Cont Part arma-de-fogo com

*Akerek tximna man imenelogon tupi enenponpĩn pok:*  
assim nós-exc Part agora branco ver-PN em

*emelu nen man tximna pri, taktori nen man tximna raktorin,*  
arma-de-fogo esta Part nossa-exc arma panela esta Part nossa-exc panela-Pos

*wowi tximna wowin man tximna man imenelogon,*  
anzol nosso-exc anzol-Pos Part nosso-exc Part agora

*ketpotke ru man tximna kenang:*  
por isso Part Part nós-exc 3-dizer

*aratoru ukgwõ tupi napli gene igenang?*  
porque nós-inc branco pertences somente usando

"Antigamente, quando não conhecíamos os brancos, caçávamos com flecha, arco e borduna. Mas hoje em dia, ao conhecermos os brancos, caçamos com arma. Nós somos assim agora, após conhecermos o branco: usamos arma, usamos panela de alumínio, usamos anzóis. Por isso, nós perguntamos: por que gostamos tanto das coisas do branco?" (*Ikoré Kawakum Ikpeng*)<sup>11</sup>

Conforme dissemos na introdução deste trabalho, os aspectos aqui apresentados constituem-se num conjunto de questões que precisam de um tratamento mais abrangente, que relacione o emprego do português e da língua do grupo nos diversos contextos sociais às atitudes dos falantes diante da situação de bilingüismo e interferência cultural que vêm sofrendo nesses quarenta anos de contato com os não-índios.

## 5. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos apresentar uma descrição bastante geral sobre a incorporação de palavras do português ao vocabulário Ikpeng dado o contato intermitente entre os Ikpeng e os falantes da língua oficial do país, incluindo-se outros indígenas com os quais o grupo mantém algum tipo de relação. Mostrou-se que, ao serem incorporados ao seu inventário lexical, as palavras do português sofrem adaptações morfofonológicas como a mudança de acento para a última sílaba e o acréscimo de morfemas que indicam pessoa e posse. Mostrou-se também que é possível criar termos e expressões novas a partir de elementos da própria língua para designar entidades e situações conhecidas a partir do contato. No entanto, dado o avançado grau de bilingüismo entre os falantes Ikpeng, esse recurso está sendo cada vez menos usado. Um outro fenômeno observado é a extensão do uso de palavras da língua para se referir a entidades e conceitos trazidos via contato com os falantes de português.

Na parte final do texto, fizemos algumas considerações, ainda bastante preliminares, sobre as restrições no emprego de palavras não-Ikpeng em textos produzidos na língua, o que demonstra que o falante procura preservar o vocabulário tradicional ao efetuar algum tipo de registro escrito, excluindo sempre que possível as palavras de origem portuguesa. Observe-se que esse aspecto está relacionado às atitudes do falante bilíngüe diante de sua língua nativa e da segunda língua, aspecto este a ser discutido em futuros trabalhos sobre o tema.

Com isso, pretendemos mostrar, entre outras coisas, que o empréstimo lexical não pode ser analisado apenas na sua dimensão formal, que envolve traços léxico-gramaticais e fonológicos das duas línguas, a doadora e a receptora, presentes nos elementos emprestados, mas considerando-se, igualmente, o significado atribuído pelos falantes a esses elementos em contextos sócio-interacionais. Atente-se para o fato de que é necessário, ao se investigar uma comunidade bilíngüe, elaborar um diagnóstico que estabeleça o grau de bilingüismo e uso da segunda língua nas diversas categorias sociais e etárias, pois a comunidade pode não ser bilíngüe como um todo e as afirmações realizadas sobre esse aspecto podem passar a idéia de que as comunidades lingüísticas funcionam sempre de forma homogênea e que o comportamento de um grupo de indivíduos pode ser generalizado para todo o grupo. E esse é o próximo passo na investigação do bilingüismo entre os Ikpeng que pretendemos dar.

---

<sup>1</sup> Pesquisador na FFLCH/USP com bolsa da FAPESP, sob a supervisão do Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto. Agradeço ao Prof. Dr. Marcos A. Pereira pela leitura e sugestões oferecidas. Endereço eletrônico para contato: frantome@uol.com.br.

<sup>2</sup> Emprega-se, na transcrição dos dados em Ikpeng, o sistema de grafemas usado pelos Ikpeng para escrever sua língua: a) vogais: **a, e, o, i, u, ĩ**; b) consoantes: **p, t, k, g, tx, m, n, ng, r, l, w, y**. Note-se que **ĩ** representa a vogal central alta; **tx**, a africada palato-alveolar surda; **ng**, a nasal velar.

---

<sup>3</sup> Abreviaturas empregadas: Adz: adjetivizador; Caus: causativo; Cont: continuativo; Deit: dêitico; Exc: exclusivo; Exist: existencial; Inc: inclusivo; Inst: instrumental; Iter: iterativo; Loc: locativo; Mov: movimento; Neg: negação; Nomz: nominalizador; NPas: não passado; NZLoc: nominalizador locativo; Onom: onomatopéia; P: posposição; Part: partícula; PN: passado nominal; Pos: posse; Rem: remoro; Rec: recente; 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 1+2: primeira pessoa inclusiva; 1+3: primeira pessoa exclusiva; 3: terceira pessoa. O sinal de interrogação nas glosas (?) indica uma forma cujo significado não foi ainda determinado.

<sup>4</sup> A forma tradicional para 'meu chinelo' é *iptapi*.

<sup>5</sup> A forma tradicional para 'meu amigo' é *iwari*.

<sup>6</sup> *Man* é uma partícula que ocorre geralmente em sentenças declarativas afirmativas. Sua origem está associada à cópula (cf. Gildea, 1998).

<sup>7</sup> Há a palavra emprestada *paratu*, convivendo com o item *nuno*.

<sup>8</sup> Há a palavra emprestada *kopu*, convivendo com o item *wayo*.

<sup>9</sup> A palavra *owro* 'casa' faz parte de muitas expressões ou compostos. Além de significar 'moradia', pode significar 'cano da arma de fogo'.

<sup>10</sup> O autor do texto é *Ikoré Kawakum Ikpeng*, professor da Escola Ikpeng e filho do Cacique Melobô.

<sup>11</sup> A tradução original, dada pelo próprio falante, é esta: "Antigamente quando não conhecíamos os ocidentais, caçávamos com flecha, arco e borduna, mas hoje em dia quando conhecemos ocidental, caçamos com arma. Nós somos assim agora quando conhecemos o branco: usamos arma agora, usamos panela de alumínio, usamos anzóis agora. Por isso que nós falamos: porque gostamos só das coisas do branco?"

## Referências bibliográficas

- ALLAN, K. (2001) *Natural language semantics*. Londres: Blackwell
- APPEL, R. & P. MUYSKEN (1987) *Language contact and bilingualism*. London: Edward Arnold.
- BYBEE, J. (1999) Usage-based phonology. In: Darnell *et al.* (org.) *Functionalism and formalism in linguistics*. Amsterdã: John Benjamins, vol. I.
- CAMPBELL, L. (1999) *Historical linguistics: an introduction*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- COULMAS, F. (1989) Language adaptation. In: F. Coulmas (org.) *Language and adaptation*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-25.
- CROFT, W. (1991) *Syntactic categories and grammatical relations*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_ & A. CRUSE (2004) *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GALVÃO, E. & M. F. SIMÕES (1965) Notícia sobre os índios Txikão – Alto Xingu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém (Nova Série) 24: Antropologia.
- GILDEA, S. (1998) *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- GIVÓN, T. (2001) *Syntax: an introduction*. Amsterdã: John Benjamins.
- HAMERS, J. F. & M. H. A. BLANC (1989) *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LYONS, J. (1995) *Linguistic semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MENGET, P. (2001) *Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os txikão do Alto Xingu*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim.
- PACHECO, F. B. (1997) Quando falar é ser: um ensaio sobre língua e identidade. Trabalho de final de curso da disciplina *Pragmática*. Campinas: IEL/UNICAMP, ms.
- \_\_\_\_. (2001) *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.

- 
- RODRIGUES, A. D. (1986) *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- SCHREUDER, R. & B. WELTENS (1993) The bilingual lexicon: an overview. In: R. Schreuder & B. Weltens (org.) *The bilingual lexicon*,. Amsterdã: John Benjamins, p. 1-10.
- TRASK, R. L. (1992) *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. Londres: Routledge.